



## REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ETNIA, RAÇA E DEFICIÊNCIA NOS JOGOS PARAPAN-AMERICANOS RIO 2007

Resumo - Este estudo buscou investigar as representações sociais de etnia, raça e deficiência nos Jogos Parapan-Americanos Rio 2007, difundidas pela Revista Digital Brasil Paraolímpico, publicada pelo Comitê Paralímpico Brasileiro. Para tanto, sete edições desta revista, do período de Junho/Julho de 2006 a janeiro/fevereiro de 2008, foram submetidas à análise temática de conteúdo. Evidenciou-se que, embora haja representações acerca do Brasil como o país da diversidade, as desigualdades sociais permeadas pelas formas hegemônicas e hierárquicas de existência e subjetivação, estão imbricadas em seus contextos e grupos socioculturais, inclusive, no Esporte Paralímpico. Nesse sentido, é importante refletir e debater sobre as estruturas e seus poderes institucionais para que possamos combater o racismo em todas as esferas da sociedade.

Palavras-chave: Jogos Parapan-Americanos; etnia; raça; pessoa com deficiência.

## SOCIAL REPRESENTATIONS OF ETHNICS, RACE AND DISABILITIES IN PARAPAN AMERICAN GAMES RIO 2007

Abstract – This study sought to investigate the social representations of ethnicity, race and disability at the Rio 2007 Parapan-American Games, disseminated by Revista Brasil Paraolímpico, published by the Brazilian Paralympic Committee. For this purpose, seven editions of this magazine, from June/July 2006 to January/February 2008, were submitted to thematic content analysis. It became evident that, although there are representations about Brazil as a country of diversity, social inequalities permeated by hegemonic and hierarchical forms of existence and subjectivation are intertwined in their contexts and socio-cultural groups, including in Paralympic Sport. In this sense, it is important to reflect and debate about the structures and their institutional powers so that we can combat racism in all spheres of society.

Keywords: Parapan American Games; ethnicity; race; disabled person.

## REPRESENTACIONES SOCIALES DE LA ÉTNICAS, LA RAZA Y LA DISCAPACIDAD EN LOS JUEGOS PARAPANAMERICANOS RÍO 2007

Resumen - Este estudio buscó investigar las representaciones sociales de la etnia, raza y discapacidad en los Juegos Parapanamericanos Rio 2007, difundido por la Revista Brasil Paraolímpico, publicado por el Comité Paralímpico Brasileño. Para ello, se sometieron a análisis de contenido temático siete ediciones de esta revista, desde Junio/Julio de 2006 hasta enero/febrero de 2008. Se hizo evidente que, aunque existen representaciones sobre Brasil como un país de diversidad, las desigualdades sociales permeadas por formas hegemónicas y jerárquicas de existencia y subjetivación se entrelazan en sus contextos y grupos socioculturales, incluso en el Deporte Paralímpico. En este sentido, es importante reflexionar y debatir sobre las estructuras y sus poderes institucionales para poder combatir el racismo en todos los ámbitos de la sociedad.

Palabras-clave: Juegos Parapanamericanos; etnicidad; raza; persona con discapacidad.

*Luana Paré Costa*

*Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul,  
Brasil*

*luana-pare@hotmail.com*

*Giandra Anceski  
Bataglion*

*Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul,  
Brasil*

*giandraanceski@  
gmail.com*

*Janice Zarpellon Mazo*

*Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul,  
Brasil*

*janice.mazo@ufrgs.br*

*[http://dx.doi.org/  
10.30937/2526-  
6314.v4.id105](http://dx.doi.org/10.30937/2526-6314.v4.id105)*

*Recebido: 28 jul 2020*

*Aceito: 03 out 2020*

*Publicado: 16 out 2020*

## **Introdução**

Pela primeira vez, em 2007, o Brasil foi sede dos Jogos Pan-Americanos e Jogos Parapan-Americanos realizados na cidade do Rio de Janeiro/RJ nos períodos de 13 a 29 de julho e de 12 a 19 de agosto do referido ano, respectivamente. Na ocasião, os(as) atletas paralímpicos(as) utilizaram as mesmas instalações de competição dos(as) atletas olímpicos(as). Nesta edição do evento, que teve a presença de cerca de 1300 atletas paralímpicos(as), representantes de 26 países, a delegação brasileira contou com 238 atletas, contemplando a participação em todas as 10 modalidades disputadas nos III Jogos Parapan-Americanos: atletismo paralímpico, basquete em cadeira de rodas, futebol de cinco, futebol de sete, judô paralímpico, levantamento de peso paralímpico, natação paralímpica, tênis de mesa paralímpico, tênis em cadeira de rodas e voleibol sentado.

O presente estudo buscou investigar as representações sociais de etnia, raça e deficiência nos Jogos Parapan-Americanos Rio 2007, difundidas pela Revista Digital Brasil Paraolímpico, publicada pelo Comitê Paralímpico Brasileiro. Os III Jogos Parapan-Americanos, realizados no Rio de Janeiro em 2007, foram retratados pela referida revista, mídia que, naquele período veiculou conteúdos acerca da competição. Diante da escassez de estudos que abordam a temática da deficiência e das relações étnico-raciais, o estudo pretende contribuir para essa discussão na articulação destas categorias na área da Educação Física, bem como dos Estudos Olímpicos e Paralímpicos.

No Brasil, a Educação Física, historicamente, serviu de instrumento para a implementação de práticas reguladoras do corpo que desenvolvessem a tríade – física, moral e intelectual. Nesta perspectiva, o modelo social desejado repudiava os corpos negros, deficientes e os demais corpos desviantes que não contribuíssem para o desenvolvimento da nação brasileira. O campo da Educação Física passa a avançar e a reparar seus equívocos à medida que insere negros e deficientes em seu campo. Contudo, durante muito tempo, estes grupos sociais estiveram alheios às ações governamentais. A população negra, desde o período colonial até o período da pós-abolição da escravidão, viu-se à margem da sociedade, sem direitos assegurados. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população negra no Brasil corresponde, atualmente, a 56,10% dos brasileiros<sup>1</sup>. De acordo com os

dados do IBGE, no Brasil, 23,9% da população têm algum tipo de deficiência<sup>2</sup>. Os dados apontam maior percentual de pessoas com deficiência no que concerne à população negra, sendo então, 30,9% são mulheres e 23,5% são homens<sup>3</sup>.

Dito isto, inicialmente serão apresentados alguns conceitos vitais – etnia, raça e deficiência, marcando as definições necessárias à compreensão das relações raciais conectadas ao fenômeno esportivo paralímpico. Em seguida, serão analisadas três categorias: a) Estrutura das competições dos Jogos Parapan-Americanos Rio 2007, b) Resultados das competições dos Jogos Parapan-Americanos Rio 2007 e c) Atores das competições dos Jogos Parapan-Americanos Rio 2007. Por fim, serão apresentadas as considerações finais, pontuando as continuidades e descontinuidades da sociedade, do contexto sociocultural que configuram, também, o espaço do esporte para pessoas com deficiência e do esporte paralímpico.

Segundo Munanga<sup>4</sup>, podemos considerar o termo etnia como um conjunto de indivíduos que compartilham um pertencimento ancestral, uma língua, uma religião ou cosmovisão, uma cultura e um mesmo território. Assim, o conceito de etnia marca processos históricos e culturais. Para Gomes<sup>5</sup>, somos ensinados desde crianças a olhar a diversidade humana, reparando em semelhanças e dessemelhanças como, por exemplo, diferentes formas de corpo, diferentes cores de pele. Nesse sentido, sob a influência de relações de poder e dominação política, posicionamos as diferenças e semelhanças de forma hierarquizada.

A ideia de raça pode ser entendida como um processo construído socialmente na concepção ou representação de características físicas que, associadas aos valores de superioridade ou inferioridade determinam relações de poder. De acordo com Hall<sup>6</sup>

[...] raça é uma construção política e social. É a categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão – ou seja – o racismo. Todavia, como prática discursiva, o racismo possui uma lógica própria. Tenta justificar as diferenças sociais e culturais que legitimam a exclusão racial em termos de distinções genéticas e biológicas, isto é, na natureza (p. 69).

Neste estudo, o termo raça se delinea sob uma perspectiva ressignificada e politizada pelo movimento negro brasileiro. Destaca-se o termo como potência de emancipação e não como uma regulação conservadora<sup>7</sup>. Além disso, o termo raça nos permite elaborar novas discursividades em busca de visibilidade e garantia de direitos

para a população negra, questionando a história contada sobre o Brasil e a história da população negra na sua constituição.

Raça e etnia são indissociáveis, embora os tenhamos apresentado separadamente. Neste ponto, a separação posta facilita a compreensão dos termos para pensá-los em um contexto específico e complexo. No Brasil, os termos raça e etnia envolvem vários aspectos que se referem à população negra. A raça identifica as características fenotípicas, enquanto etnia envolve a dimensão cultural. Por isso, o racismo não diz respeito somente à cor da pele, mas, também, a um conjunto de manifestações culturais oprimidas tais como o Batuque no estado do Rio Grande do Sul ou o Candomblé na Bahia, duas práticas religiosas de matriz africana que comumente sofrem ataques de intolerância religiosa. Ao compreendermos a concepção de Hall<sup>6</sup>, percebe-se que a utilização do termo raça congrega os efeitos de poder do racismo e da discriminação racial no cotidiano da população negra, explícitos em levantamentos estatísticos e estudos acadêmicos das mais diversas áreas. Munanga<sup>4</sup>, explica-nos que

[...] o racismo hoje praticado nas sociedades contemporâneas não precisa mais do conceito de raça ou da variante biológica, ele se reformula com base nos conceito de etnia, diferença cultural ou identidade cultural, mas as vítimas de hoje são as mesmas de ontem e as raças de ontem são as etnias de hoje. O que mudou na realidade são os termos ou conceitos, mas o esquema ideológico que subentende a dominação e a exclusão ficou intacto (p. 12).

Diante disso, nota-se que os termos raça e etnia estão enredados em uma trama ideológica na qual a conjuntura organizacional da sociedade reproduz a subalternidade de grupos identificados racialmente. Logo, esse sistema cria as posições antagônicas na sociedade, negros e brancos. Para transformar essa realidade, intelectuais negros e negros alertam que, dentro da configuração de raça, os brancos fazem parte deste processo, deslocando-os do lugar de sujeito genérico universal.

Segundo Diniz<sup>8</sup>, “a concepção de deficiência como variação do normal da espécie humana foi uma criação discursiva do século XVIII, e desde então ser deficiente é experimentar um corpo fora da norma”. Nessa perspectiva, compreendemos a deficiência como um conceito que carrega características biológicas oriundas do modelo médico e, também, do modelo social, na medida em que as pessoas com deficiência interagem com a sociedade. De acordo com Diniz<sup>8</sup>, a complexidade do conceito se dá

enquanto se coloca em evidência um corpo com lesão e ao mesmo tempo a denúncia de uma sociedade que oprime a pessoa com deficiência. Ao compreendermos a deficiência como um dos marcadores sociais da diferença, percebe-se que

A diferença pode ser construída negativamente - por meio da exclusão ou da marginalização daquelas pessoas que são definidas como “outros” ou forasteiros. Por outro lado, ela pode ser celebrada como fonte de diversidade, heterogeneidade e hibridismo, sendo vista como enriquecedora [...] (p. 50)<sup>8</sup>.

Woodward<sup>9</sup> mostra-nos que a diferença se expressa nas oposições, no dualismo, tal como negro/branco, normal/anormal assumindo, assim, tanto um caráter excludente quanto afirmativo, político e reivindicador à medida que as diferenças contribuem para o processo de criação da identidade. A autora<sup>9</sup> salienta que “[...] a diferença é marcada por representações simbólicas que atribuem significado às relações sociais [...] (p. 54)”. Nessa lógica, podemos aproximar as ideias da autora ao contexto do esporte uma vez que, divide-se em esporte olímpico e paralímpico, demarcando e construindo as relações sociais de atletas e atletas com deficiência. No contexto esportivo, constantemente, acrescenta-se a ideia de ‘superção’ enquanto elemento fundante e legitimador do(a) atleta com deficiência, em que representações heroicas são construídas em associação aos comprometimentos físicos e motores do indivíduo em detrimento ao desempenho esportivo alcançado, conforme apontam Gonçalves, Albino e Vaz<sup>10</sup>. Tal representação simbólica é construída pelo imaginário social, reproduzida e veiculada pela mídia que adquire poder sobre as representações sociais, os estereótipos e as identidades informadas nos meios de comunicação.

Na década de 1990 a legislação brasileira instituiu o Plano Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência. Anteriormente, medidas legais passaram a atender às pessoas com deficiência apenas no âmbito educacional. Com base no Decreto nº. 3.298, de 20 de Dezembro de 1999, as pessoas com deficiência teriam o pleno exercício de seus direitos básicos assegurados, bem como seu bem estar social e econômico<sup>11</sup>. Após longo período de engendramento do esporte adaptado e paralímpico no Brasil, com início na década de 1950 e marcado pela mobilização de pessoas e de entidades engajadas na luta pelos direitos da pessoa com deficiência, foi fundado, em 1995, o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB). Assim, se iniciou um conjunto de novas

ações visando o incentivo e a melhoria do esporte paralímpico no Brasil<sup>12\*</sup>. Por último, salientamos que o termo pessoa portadora de deficiência está em desuso. Atualmente, o termo correto é ‘pessoa com deficiência’, em conformidade com a decisão tomada na Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, promulgada sob o Decreto nº. 6.949, de 25 de agosto de 2009<sup>13</sup>.

## Metodologia

Inicialmente, a construção deste estudo se deu a partir da revisão bibliográfica nas bases de dados digitais que reúnem artigos de periódicos, teses, dissertações, bem como outras fontes de divulgação de ideias sobre o tema, da elaboração do referencial teórico e, por último, da apreciação documental. A partir de uma perspectiva sócio-histórica do campo da História do Esporte, integrada à luz teórico-metodológica da Interseccionalidade, termo cunhado pela pensadora negra estadunidense Kimberlé Crenshaw e interpretado pela intelectual e feminista negra Carla Akotirene<sup>24</sup>, buscamos compreender e interpretar as representações sociais de etnia, raça e deficiência nos Jogos Parapan-Americanos de 2007.

O principal motivo para a escolha deste alicerce epistêmico se dá, sobretudo, no entendimento de que a discussão sobre relações raciais no Brasil é uma tarefa complexa, mas, certamente, fundamental para compreender dentre outras questões sociais, a dinâmica do esporte para pessoas com deficiência e o esporte paralímpico no Brasil. Por essa razão, conduzir esta discussão no campo da Educação Física significa reconfigurar as narrativas e transcender a invisibilidade e o silenciamento da pessoa negra com deficiência, principalmente, sabendo que o racismo estrutural atravessa todas as esferas em que se dão as relações sociais.

As fontes documentais utilizadas foram: sete edições da Revista Brasil Paraolímpico, mídia oficial veiculada pelo Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) – instituição regente do Esporte Paralímpico Brasileiro. As revistas foram acessadas somente por meio da plataforma digital *Issuu*, visto que as publicações foram encerradas no ano de 2012. As fontes digitais configuram-se como documentos que

---

\*A Para mais informações sobre a história do esporte paralímpico no Brasil, acesse as plataformas digitais do Observatório do Esporte Paralímpico (PARALYMPIACOS) e do Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte e da Educação Física (NEHME). Disponível em <https://www.ufrgs.br/nehmeparalimpico/> e <https://pt-br.facebook.com/NEHME.RS/>.

registram informações de variadas formas. Assim, ao utilizarmos tal material, contribuímos para a “arqueologia do salvamento”, preservando as informações<sup>14</sup>. As revistas selecionadas corresponderam às edições de número 21, 22, 23, 24, 25, 26 e 27, abarcando o período de Junho/Julho de 2006 a Janeiro/Fevereiro de 2008, sendo que as edições foram publicadas a cada bimestre. Como critérios de inclusão para a análise foram selecionadas apenas as matérias que correspondiam à cobertura dos Jogos Parapan-Americanos Rio 2007. Em cada revista foi coletada uma matéria, com exceção da edição de número 25, na qual foram selecionadas duas matérias. Além disso, selecionamos também, uma campanha publicitária publicada nas edições de número 24 e 25.

Ao todo, foram eleitas para a análise oito matérias e uma campanha publicitária publicadas nas Revistas Brasil Paraolímpico. Na análise do material, foram observados as imagens e os textos que eram associados aos Jogos Parapan-Americanos Rio 2007. Segundo Flick<sup>15</sup>, o uso de imagens permite o deslocamento de elementos visuais que rompem as barreiras de tempo e espaço. Além disso, o autor considera que estes dados são como textos, que contam uma história.

As informações coletadas foram submetidas à análise temática de conteúdo, de acordo com Flick<sup>15</sup>. A partir disto, foram elencadas três categorias de análise, evidenciando que existem ausências e prevalências de representações sociais de etnia, raça e deficiência, retratadas nas edições da Revista Brasil Paraolímpico, no contexto dos Jogos Parapan-Americanos Rio 2007. Na primeira categoria, a) Estrutura das competições dos Jogos Parapan-Americanos Rio 2007, apresentamos as matérias intituladas: ‘O Sol nasce para todos’<sup>16</sup>, ‘Obras a todo vapor’<sup>17</sup> e ‘É ano de Parapan’<sup>18</sup>, publicadas, respectivamente, nas edições de número 21, 22 e 24. Na segunda categoria, b) Resultados das competições dos Jogos Parapan-Americanos Rio 2007 discutimos as matérias intituladas: ‘Para nunca esquecer’<sup>19</sup> e ‘Jogos Parapan-Americanos’<sup>20</sup>, publicadas, respectivamente, nas edições de número 26 e 27. Por último, na categoria c) Atores das competições dos Jogos Parapan-Americanos Rio 2007, evidenciamos as matérias intituladas: ‘De braços abertos’<sup>21</sup>, publicada na edição de número 23, ‘Dupla função’<sup>22</sup> e ‘O time está formado’<sup>23</sup>, publicadas na edição de 25. Além disso, nesta categoria, incluímos a campanha publicitária que faz parte da matéria ‘De braços abertos’<sup>21</sup>. A campanha publicitária foi publicada na edição de número 24 e, novamente,

na edição de número 25. Em cada categoria apontamos de que forma se revelam as representações sociais de etnia, raça e deficiência nos Jogos Parapan-Americanos Rio 2007.

A partir dos resultados encontrados, pautamos a análise deste estudo operando com a construção teórico-metodológica de Interseccionalidade produzido pelos feminismos negros, reverberando aqui as avenidas identitárias<sup>24</sup>. Ou seja, ao considerarmos as possibilidades do ser e existir como um(a) atleta com deficiência negro ou negra, atravessados por marcadores sociais da diferença, desarticulamos a ideia de que todos os(as) atletas paralímpicos(as) seriam iguais. Abaixo, apresentamos os resultados e a discussão das três categorias do estudo, buscando problematizar discursos imagéticos e textuais representados em matérias da Revista Brasil Paraolímpico.

#### **a) Estrutura das competições dos Jogos Parapan-Americanos Rio 2007**

A edição de número 21, a Revista Brasil Paraolímpico trouxe a primeira matéria da cobertura dos Jogos Parapan-americanos Rio 2007, ‘O Sol nasce para todos’<sup>16</sup>. Nesta matéria, o evento é enfatizado como marco histórico, pois tanto os Jogos Pan-Americanos quanto os Jogos Parapan-Americanos seriam realizados na mesma cidade, apresentando uma estimativa de atletas presentes nas duas competições. Ainda, o texto trata de aliar discursos sobre a construção da Vila Olímpica. Ademais, é apresentada a mascote tanto dos Jogos Pan-americanos quanto dos Jogos Parapan-americanos. De acordo com o texto da revista, simboliza o cenário carioca e o espírito brasileiro. Além disso, o coordenador da equipe de desenvolvimento e criação da mascote e programador visual, Ney Valle, relatou

O sol atende a justamente isso, ele não discrimina ninguém, é democrático, nasceu para todos, e a forma que a gente deu já tem os modelos do Parapan, com o Sol praticando os esportes paraolímpicos. Ficou uma graça e nós ficamos super felizes de chegar a isso (p. 07)<sup>16</sup>.

Iniciamos a discussão, problematizando o enunciado — ‘O Sol nasce para todos’<sup>15</sup>. Essa expressão coloca em evidência a tentativa de se alimentar o sentimento de identidade nacional do(a) brasileiro(a), de nação unificada, em prol do desenvolvimento do esporte paralímpico. Para Hall<sup>25</sup>, as identidades são “pontos de apego, temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós (p. 112)”. Nesse



sentido, a prática discursiva produzida no Brasil, em torno dos Jogos Parapan-Americanos Rio 2007 foi sustentada em uma idealização da conquista de medalhas, novos recordes e na superação de limites dos(as) atletas paralímpicos(as). Assim, a ‘unidade’ se estabelece em um jogo de poder, no qual os(as) atletas assumem estas posições em articulação com as práticas discursivas. No entanto, é sabido que o esporte paralímpico emerge em segundo plano, em geral, visto como o ‘outro’ do esporte olímpico. Nesse sentido, as informações coletadas para este estudo indicam que os(as) atletas com deficiência conquistam legitimidade, em grande medida, quando comparados aos(às) atletas do esporte olímpico e às dinâmicas que circundam esse contexto. Figueiredo<sup>26</sup>, afirma que a mídia divulga e cria representações sociais conforme a produção, reprodução e disseminação de informações norteadas pela compreensão dos grupos sociais que elaboram o imaginário social e a autoimagem. Por vias desta consideração, que apontaremos adiante interpretações e questões acerca das representações sociais de etnia, raça e deficiência nos Jogos Parapan-Americanos Rio 2007.

A matéria ‘Obras a todo vapor’<sup>17</sup> publicada na edição de número 22 aborda a visita de representantes do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), Comitê Paralímpico Internacional (IPC), e o representante do extinto Ministério do Esporte às instalações que estavam sendo construídas na época. A seguir, destacamos algumas falas dos representantes. Segundo Xavier Gonzalez<sup>17</sup>, diretor geral do Comitê Paralímpico Internacional naquele ano: “O modelo que se está criando no Rio vai ter impacto mundial. É um passo adiante muito importante para o que todos nós queremos: igualdade e inclusão dos atletas com deficiência (p. 6)”. Orlando Silva<sup>17</sup>, ministro do esporte, na ocasião, declarou: “O governo tem orgulho de dar mais este passo no fortalecimento esporte paraolímpico. O Circuito Brasil Paraolímpico aumentou a competitividade. O Parapan vai dar mais visibilidade aos atletas brasileiros (p. 7)”.

Naquele período, as falas dos representantes indicavam um desejo de inclusão, igualdade e garantia de direitos das pessoas com deficiência, neste caso, dos(as) atletas paralímpicos(as). Na fala de Xavier Gonzalez, podemos refletir sobre a seguinte questão: o arranjo desta inclusão compreende os(as) atletas negros(as) paralímpicos? A complexidade desta questão percorre as perspectivas de etnia, raça e deficiência, assim como de gênero e classe. Ao longo das matérias analisadas, verificamos a ausência de

atletas negros(as) com deficiência. As imagens expõem, em sua maioria, as deficiências físicas, embora saibamos que nem todas as deficiências são visíveis na composição e na aparência física da pessoa. Na maioria das vezes, as imagens mostraram homens, ocupando espaços enquanto atletas, treinadores e representantes institucionais. Os recursos e oportunidades disponibilizados para o acesso ao esporte paralímpico não se aplica de forma equânime.

A última matéria desta categoria, ‘É ano de Parapan’<sup>18</sup>, publicada na edição de número 24 se refere a uma sessão especial da revista que traz detalhes sobre os Jogos Parapan-Americanos, a preparação dos(as) atletas (exames médicos e avaliações) e a lista de pré-convocados(as). Ainda nesta sessão especial, a revista exhibe o tenista paralímpico Mauricio Pommê como representante do Parapan na campanha de divulgação dos Jogos. O anúncio da campanha traz a seguinte frase: “O esporte não tem mesmo limites. Depois do Pan, começa tudo de novo. Não perca o Parapan (p. 38-39)”<sup>18</sup>. Nesse sentido, lançando mão da imagem abaixo, nos permitimos pontuar algumas reflexões sobre o tema.

Figura 1 - Campanha publicitária publicada na edição de n.º. 24 da Revista Brasil Paraolímpico.



Fonte: Revista Brasil Paraolímpico (p. 38-39)<sup>24</sup>.

Na imagem acima, do lado direito tem-se o atleta paralímpico, Maurício Pommê, e do lado esquerdo a imagem do Cristo Redentor, monumento característico da cidade do Rio de Janeiro. A campanha publicitária apresenta o seguinte texto

Logo depois do Pan, vamos receber de braços abertos os Jogos Parapan-americanos Rio 2007. O Governo Federal está investindo cerca de 60 milhões no evento que contará com a participação de mais de 1.300 atletas e 700 membros de delegações, disputando 10 modalidades. O projeto do Parapan é um importante passo para garantir a acessibilidade de pessoas com deficiência física no País. Serão utilizadas as mesmas instalações dos Jogos Pan-americanos e também a Vila Pan-americana que já foi projetada pensando-se nesses atletas. E você pode colaborar. Receba bem os atletas e os turistas. Faça parte dessa torcida (p. 38-39)<sup>18</sup>.

Ao observarmos a imagem, percebe-se que por meio desta representação a revista prima por destacar as imagens e os discursos de homens, às vezes, mulheres brancas, com deficiência física. A discussão em torno desta representação situa-se na experiência colonial que na contemporaneidade, provoca efeitos de opressão, apagamento e subalternidade. Pessoas brancas aparecem com mais frequência na mídia, o sistema racista, cisheteropatriarcal e capitalista produziu modos de ser e ver o mundo, aprisionando as experiências negras em estereótipos a partir do ponto de vista hegemônico de base europeia<sup>24</sup>.

Verificamos, assim, nesse argumento que as representações da Revista Brasil Paraolímpico carregam esse padrão eurocêntrico, nacionalista, cristão — enaltecida no atleta paralímpico “à imagem e semelhança” do Cristo Redentor. No tocante à Interseccionalidade, essa ferramenta teórico-metodológica concebida pela feminista negra Kimberlé Crenshaw, discutido a partir da compreensão da intelectual e feminista negra, Carla Akotirene<sup>24</sup>, nos permite pensar nos corpos negros que carregam identidades distintas que são feridos pelos aparatos modernos de opressão, como o racismo, o sexismo e o sistema capitalista<sup>24</sup>. Exteriorizando o poder, principalmente, de mulheres negras para combater as violências do padrão colonial moderno.

## **b) Resultados das competições dos Jogos Parapan-Americanos Rio 2007**

Nesta categoria, selecionamos duas matérias, ‘Para nunca esquecer’<sup>19</sup> da edição de número 26 e ‘Jogos Parapan-Americanos’<sup>20</sup> da edição de número 27. A primeira

matéria mostra os resultados da competição, uma lista relacionando os nomes dos(as) atletas medalhistas e ao longo das páginas algumas imagens são apresentadas. No início da matéria, o presidente do Comitê Paralímpico Brasileiro naquele período, Vital Severino Neto, fala que o maior legado da competição foi a divulgação. Ao longo do texto da matéria, são citados alguns atletas e treinadores que atingiram novas marcas. Contudo, não há legenda identificando as pessoas que aparecem nas imagens. Na última edição, em quatro páginas, a revista reúne 24 imagens que encerram a cobertura dos Jogos Parapan-americanos Rio 2007. Além disto, apresenta um pequeno texto, destacamos o trecho

Um Parapan histórico: o primeiro a ser realizado na mesma cidade do Pan; o primeiro a ser realizado no Brasil; e o mais importante: o primeiro com desempenho tão marcante dos atletas brasileiros. Foram 228 medalhas conquistadas em sete dias de competição: 83 de ouro, 68 de prata e 77 de bronze, resultado que deu ao Brasil um inédito primeiro lugar no quadro de medalhas (p. 20-21, 24-25)<sup>20</sup>.

As imagens da última edição da Revista Brasil Paraolímpico ratificam a ideia de que a maioria das modalidades presentes nas imagens são caracterizadas por práticas em que os(as) atletas são deficientes físicos. Além disso, poucos(as) atletas negros(as) com deficiência são representados. No universo do esporte paralímpico, ainda na atualidade, é comum nos depararmos com discursos de superação e heroísmo travestidos de preconceito e discriminação, segundo Figueiredo<sup>26</sup>. Sobre isto, vale trazeremos a fala de Jefinho - atleta paralímpico brasileiro da modalidade do futebol de cinco - divulgada na reportagem intitulada “Consciência negra: representatividade no esporte cresce, mas racismo ainda fere”, a qual foi veiculada no *site* do Globo Esporte, a saber

Uma pessoa que é deficiente e negra sofre o dobro. A gente sabe que, infelizmente, no Brasil, as chances não são as mesmas. Quando tem uma disputa de pessoas com as mesmas experiências, o fato de uma pessoa ser branca ou negra ainda faz diferença." [...] "O racismo no geral é sutil. Às vezes é um olhar, uma virada de rosto, e pelo fato de ser deficiente visual eu não percebo esse tipo de coisa. Só quando é falado para perceber, mas assim é muito raro<sup>27</sup>.

Nascimento e Santanna<sup>28</sup> evidenciaram em um estudo de caso sobre o perfil dos(as) atletas brasileiros(as) paralímpicos(as) dos Jogos Parapan-Americanos Rio

2007, que da amostra composta por 130 atletas (55% dos atletas elegíveis para o estudo) 78 (60%) eram homens e 52 (40%) eram mulheres, sendo 27% da etnia branca, 14,6% negros e 58,5% pardos. Além disso, os autores indicam que os(as) atletas encaixam-se nas seguintes classificações funcionais: *LesAutres* (32,3%), deficiência visual (23,8%), amputação (16,2%), paralisia cerebral (15,4%) e lesão medular (11,5%). Esses dados corroboram com as considerações levantadas anteriormente e, ainda, propõe-nos uma importante reflexão sobre a autodeclaração étnico-racial e a construção do que é ser negro ou pardo no Brasil. Todavia, entender-se como pardo não quer dizer que o racismo está longe de atravessar essa vivência, já que o racismo estrutural assume infinitas facetas em nosso país. Nesse momento, contudo, não daremos conta da densidade desta discussão.

### **c) Atores das competições dos Jogos Parapan-Americanos Rio 2007**

Na terceira edição, a revista traz a matéria ‘De braços abertos’<sup>21</sup> mencionando, novamente, o lançamento da campanha publicitária para a divulgação dos Jogos Pan e Parapan-americanos Rio 2007. O objetivo principal da campanha era “criar um sentimento de orgulho entre os brasileiros (p. 6)”, principalmente na população carioca, “para que ela se sentisse parte integrante (p. 6)” de um dos maiores eventos esportivos das Américas. Propõe-se que o cidadão ‘abraçe’ os Jogos e compreenda o enorme legado que o evento deixaria ao país. ‘De norte a sul, o Brasil está orgulhoso’, esse é um dos enunciados que eram veiculados nas rádios, exaltando a realização dos Jogos no Brasil. Enquanto isso, cartazes ilustravam personagens ligados aos temas de obras, orgulho ou legado ao lado da imagem do Cristo Redentor.

Na edição de número 25 destacamos duas matérias, ‘Dupla função’<sup>22</sup> e ‘O time está formado’<sup>23</sup>. Na primeira matéria, a nadadora Stephanie Dixon é nomeada como Embaixadora dos Jogos Parapan-americanos Rio 2007. No texto, a atleta paralímpica fala que pretende promover a competição, transmitindo a mensagem de que todos são iguais<sup>22</sup>. A segunda matéria traz uma lista com os nomes dos(as) convocados(as) para a competição<sup>23</sup>. Observando a imagem abaixo, emergem algumas reflexões.

Figura 3 - Matéria "Dupla função" publicada na edição n°. 25 da revista.



Fonte: Revista Brasil Paraolímpico (p. 2-4)<sup>25</sup>.

Pela primeira vez na competição, os Jogos Parapan-Americanos nomeiam uma atleta para divulgar os Jogos nas Américas. A escolhida, Stephanie Dixon, a atleta da natação paralímpica foi eleita embaixadora dos Jogos Parapan-Americanos Rio 2007. Com isso, nota-se que o título da matéria supracitada sugere uma ‘dupla função’. Andrew Parsons, na época presidente do Comitê Paraolímpico das Américas (APC), e atualmente presidente do Comitê Paralímpico Internacional (IPC), expôs sua opinião sobre a escolha

Quem melhor do que os atletas para serem seus próprios embaixadores e levarem a mensagem de que no Rio de Janeiro participarão de um evento histórico? Agradeço ao CO-RIO pelo pioneirismo e coragem de organizar os Jogos Parapan-americanos e dizer que a escolha da atleta não poderia ser melhor. Stephanie Dixon saberá transmitir essa mensagem de pioneirismo e equidade aos seus pares no Canadá (p.2)<sup>29</sup>.

A partir da fala de Andrew Parsons, questionamos a escolha da atleta, embora seu ‘currículo’ tenha o peso de 15 medalhas paralímpicas e 10 de campeonatos mundiais somados à época. Ao que parece, a escolha da atleta se deu por suas características morais e de superação. Nesse sentido, ponderamos: o Brasil não teria atleta algum com tamanha grandeza?

Conforme mencionado anteriormente, as mulheres negras com deficiência correspondem à maior parcela da população brasileira com alguma deficiência.

Akotirene<sup>24</sup> oferta-nos uma importante reflexão, segundo a autora, a interseccionalidade nos permite compreender a inseparabilidade do racismo, do cisheteropatriarcado e do capitalismo, porque essas categorias regulam as relações sociais. Logo, ao entendermos o esporte para pessoas com deficiência como um dos nichos em que se estabelecem relações sociais, enxergamos a operação destas estruturas opressoras, agindo sobre as experiências de homens e mulheres negras, sobretudo, de mulheres negras.

Neste estudo, em nenhum momento as matérias selecionadas representaram uma atleta negra com deficiência, ocupando um lugar central no contexto dos Jogos Parapan-Americanos do Rio de Janeiro, no ano de 2007. Segundo Carla Akotirene, “[...] a interseccionalidade nos mostra como e quando as mulheres negras são discriminadas e estão mais vezes posicionadas em avenidas identitárias, que farão delas vulneráveis à colisão das estruturas e fluxos modernos (p. 60)”<sup>24</sup>. A partir dessa compreensão é possível perceber que a mulher, negra, deficiente é situada como ‘Outro’, impossibilitada de ocupar um lugar de importância como a Revista Brasil Paraolímpico, no cenário do Esporte Paralímpico Brasileiro. As representações sociais de etnia, raça e deficiência dos Jogos Parapan-Americanos Rio 2007 estão posicionadas, principalmente, nas imagens e discursos racializados, heteropatriarcais e capitalistas estabelecidos pelo padrão eurocêntrico universal. Essa estrutura social hegemônica, do passado e do presente, naturaliza as diferenças de raça, gênero e classe e como um nevoeiro consegue mascarar as desigualdades sociais latentes na sociedade brasileira.

Nessa lógica de enfrentamento aos padrões hegemônicos e hierárquicos de existência e subjetivação, Rozmiarek e Malchrowicz-Mosko<sup>30</sup> mostram exemplos de grupos ditos minoritários, como negros, mulheres e pessoas sexualmente não normativas que, ao se posicionarem no espaço dos Jogos Olímpicos, ressoaram discussões e novos comportamentos em relação à aceitação de suas características no campo do esporte. Equivocadamente, observamos atitudes racistas, machistas e sexistas no contexto do esporte, essas questões são resultantes de uma construção histórica e social que impôs e, ainda impõe limitações aos corpos que divergem do padrão heteronormativo e branco.

Considerando a Educação Física Escolar como ferramenta de educação para a diversidade, de algum modo, transformações positivas advém desta área. Bataglion, Mazo, Begossi e Haiachi<sup>31</sup> em estudo acerca das representações sociais de pessoas com

deficiência, no contexto do esporte paralímpico, sustentam que a inclusão desta população no esporte possibilita a construção de novas trajetórias de vida. De modo particular, as autoras<sup>31</sup> evidenciam que as experiências esportivas de estudantes com deficiência nas escolas e, posteriormente, em competições, como as Paralimpíadas Escolares, influenciam os percursos da pessoa com deficiência até a carreira como atleta paralímpico(a).

Tonon<sup>32</sup>, ao apresentar o caso do atleta André Brasil, destaca que o esporte paralímpico é um espaço de pertencimento no qual o(a) atleta convive, habita e se situa, construindo sua subjetividade e representatividade na trajetória profissional. Assim, a autora<sup>32</sup> contribui para o entendimento de que o esporte paralímpico, enquanto lugar de pertencimento, produz sentido na vida dos(as) atletas com deficiência, imprimindo identidades. Nesse sentido, percebe-se o quanto é importante os veículos de mídia darem visibilidade para as pessoas com deficiência, respeitando suas diferenças individuais, experiências plurais, enquanto negros, mulheres e sujeitos de direitos sociais. A mídia tem o papel de garantir o acesso de todas as pessoas, não só no que diz respeito ao esporte paralímpico, mas, também, em outros setores da sociedade. Nesse novo olhar acerca das representações sociais de etnia, raça e deficiência, compreendemos que a ‘interseccionalidade’ enquanto instrumentalidade feminista negra, nos oferta valorosas reflexões sobre identidades encruzilhadas e estruturas opressoras que às ferem<sup>24</sup>.

### **Considerações finais**

Sem pôr fim à discussão, podemos pensar, qual tem sido o lugar ocupado pelas pessoas com deficiência, sobretudo pessoas negras com deficiência? Atletas paralímpicos(as)? Atletas negros(as) paralímpicos? Será que estes atletas importam apenas para representar o quadro de medalhas? Já se passaram treze anos desta competição. E hoje, quem são os(as) atletas com deficiência? Quem são os(as) atletas negros(as) com deficiência?

Essas perguntas, associadas à revisão bibliográfica e aos estudos mais recentes sobre a temática investigada, evidenciaram que as mudanças caminham a passos lentos com relação à visibilidade e a presença destas pessoas na sociedade. Tal qual ocorre, principalmente, em relação às transformações sociais no ínterim das questões de



equidade racial. É preciso admitir que não somos iguais. O processo histórico do Brasil nos mostra, explicitamente, que mecanismos de violência e opressão ainda demarcam territórios sociais, políticos, epistemológicos, religiosos e culturais. Pessoas negras com deficiência são para além de uma medalha, sujeitos de resistência que vem furando barreiras impostas por uma sociedade branca, patriarcal e capitalista.

Se pensarmos sobre uma revista que tem o propósito de divulgar o esporte paralímpico, ela precisa, necessariamente, mostrar as pessoas com deficiência, seus corpos plurais, suas experiências distintas enquanto pessoas com deficiência, não somente suas ações de desempenho de alto rendimento esportivo. Precisamos ‘treinar’ nosso olhar para que vejamos essas pessoas como elas realmente são. Para compreender esse corpo é necessário deixar de lado o olhar romântico que, na maioria das vezes, destaca a dor, o sofrimento, a superação e, por fim, a glória de ter se tornado um(uma) atleta paralímpico(a). Certamente, esses aspectos subjetivos constituem a pessoa com deficiência, mas, representá-la apenas sob esta ótica, não contribui para que a sociedade as veja de outra forma.

Ao longo deste texto construímos uma rede de reflexões que ao final, mostra-nos que o ‘Sol’ nasce alcançando o horizonte de alguns, mas, não de outros, contrapondo a afirmação publicada na edição de número 21 da Revista Brasil Paraolímpico. As representações sociais de etnia, raça e deficiência, no contexto dos Jogos Parapan-americanos Rio 2007 apresentadas neste artigo, se constituem em uma forma de avançarmos na luta pelos direitos da pessoa com deficiência e de negras e negros no Brasil. Vale, aqui, pontuar que não buscamos dividir os interesses, mas, sim, uni-los. Quando nomeamos o preconceito e o racismo, atravessados também pelas opressões de gênero e classe, se reconhece a necessidade de não hierarquizar opressões, assim, podemos pensar em um novo modelo de sociedade que opere com políticas inclusivas e a garantia de igualdade de oportunidades.

## Referências

- 1 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. [online]. [acesso em 10 jul. 2020]. Disponível em <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6403>
- 2 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico. Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão: Rio de Janeiro. 2010.

- 3 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo IBGE: Quem são as pessoas com deficiência no Brasil? [online]. [acesso em 27 jun. 2020]. Disponível em <https://wiki.redejuntos.org.br/busca/censo-ibge-quem-sao-pessoas-com-deficiencia-do-brasil>
- 4 Munanga K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira. Niterói: EDUFF; 2004.
- 5 Gomes NL. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: Educação anti-racista: Caminhos Abertos pela lei 10.639. – Brasília: Ministério da Educação. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; 2005.
- 6 Hall S. Da diáspora: Identidade e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; 2006.
- 7 Gomes NL. O movimento negro educador: saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- 8 Diniz D. O que é deficiência? São Paulo: Brasiliense; 2007.
- 9 Woodward K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Silva TT, Hall S, Woodward K. Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Editora Vozes; 2008.
- 10 Gonçalves GC, Albino BS, Vaz AF. O herói esportivo deficiente: aspectos do discurso em mídia impressa sobre o Parapan-Americano 2007. In: Pires GL. Observando o Pan Rio 2007 na Mídia. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2009; p. 149-167.
- 11 Brasil. Decreto n. 3.298, de 20 de Dezembro de 1999. Dispõe sobre a Política Nacional para a integração da Pessoa Portadora de Deficiência. [acesso em 27 jun 2020]. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/d3298.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3298.htm)
- 12 Begossi TF, Mazo JZ. O processo de institucionalização do esporte para pessoas com deficiência no Brasil: uma análise legislativa federal. *Ciênc. saúde coletiva*. 2016; 21(10): 2989-2997.
- 13 Brasil. Decreto n. 6.949, de 25 de agosto de 2009. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. [acesso em 27 jun. 2020]. Disponível em: <http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/publicacoes/convencaoopessoascomdeficiencia.pdf>.
- 14 Almeida, FC. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. *Aedos*. 2011; 3(8): 9-30.
- 15 Flick U. Introdução à pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- 16 Gosling B. O Sol nasce para todos. *Revista Brasil Paraolímpico*. Comitê Paralímpico Brasileiro – CPB. 2006; (21): 6-7. [online]. [acesso em 9 mai. 2019] Disponível em <https://issuu.com/comiteparaolimpico/docs/21>
- 17 Gosling B. Obras a todo vapor. *Revista Brasil Paraolímpico*. Comitê Paralímpico Brasileiro – CPB. 2006; (22): 6-7. [online]. [acesso em 18 mai. 2019]. Disponível em <https://issuu.com/comiteparaolimpico/docs/22>
- 18 Gosling B. Pereira, L. É ano de Parapan. *Revista Brasil Paraolímpico*. Comitê Paralímpico Brasileiro – CPB. 2007; (24): 11-20, 38-39. [online]. [acesso em 7 jun. 2019]. Disponível em <https://issuu.com/comiteparaolimpico/docs/24>

- 19 Pereira L. Para nunca esquecer. *Revista Brasil Paraolímpico*. Comitê Paralímpico Brasileiro – CPB. 2007; (26): 10-23. [online]. [acesso em 25 jun. 2019]. Disponível em <https://issuu.com/comiteparaolimpico/docs/26>
- 20 Jogos Parapan-Americanos. *Revista Brasil Paraolímpico*. Comitê Paralímpico Brasileiro – CPB. 2008; (27): 20-21, 24-25. [online]. [acesso em 12 jul. 2019]. Disponível em <https://issuu.com/comiteparaolimpico/docs/27>
- 21 Gosling B. De braços abertos. *Revista Brasil Paraolímpico*. Comitê Paralímpico Brasileiro – CPB. 2006; (23): 6-7. [online]. [acesso em 20 jul. 2019]. Disponível em <https://issuu.com/comiteparaolimpico/docs/rbp-23-web>
- 22 Pereira, L. Dupla função. *Revista Brasil Paraolímpico*. Comitê Paralímpico Brasileiro – CPB. 2007; (25): 2-4. [online]. [acesso em 11 ago. 2019]. Disponível em <https://issuu.com/comiteparaolimpico/docs/25>
- 23 Pereira, L. O time está formado. *Revista Brasil Paraolímpico*. Comitê Paralímpico Brasileiro – CPB. 2007; (25): 12-23. [online]. [acesso em 28 ago. 2019]. Disponível em <https://issuu.com/comiteparaolimpico/docs/25>
- 24 Akotirene C. *Interseccionalidade*. São Paulo, SP: Pólen, 2019.
- 25 Hall S. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Silva TT, Hall S, Woodward K. *Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Editora Vozes; 2008.
- 26 Figueiredo TH. Do coitadinho ao super-herói Representação social dos atletas paralímpicos na mídia brasileira e portuguesa. *C-legenda Revista do Programa de Pós-Graduação em Cinema e Audiovisual*. 2014; (30): 48-58.
- 27 Costa G, Rebello H. Consciência negra: representatividade no esporte cresce, mas racismo ainda fere. [online]. Site Globo Esporte, 2017. [acesso em 23 jun. 2020]. Disponível em <https://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/consciencia-negra-representatividade-no-esporte-cresce-mas-racismo-ainda-fere.ghtml>.
- 28 Nascimento RS, Santanna ML. Perfil dos atletas brasileiros nos Jogos Parapanamericanos de 2007. In: Rodrigues RP, Pinto LMM, Terra R, Dacosta LP. *Legados de Megaeventos Esportivos*. Brasília: Ministério do Esporte. 2008. p. 571-573.
- 29 Parapan 2007 – Rio de Janeiro. *Boletim da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada*. 2007; 1: 2.
- 30 Rozmiarek M, Malchrowicz-Moško E. Black, female, and communities encompassing sexual minorities in sport. *Olympic Games as a means of fighting for equality*. *Olimpianos – Journal of Olympic Studies*. 2018; 2(3): 528-538.
- 31 Bataglion GA, Mazo JM, Begossi TD, Haiachi MC. A representação social da pessoa com deficiência no universo paraolímpico: de alunos a atletas. In: Oliveira AFS, Haiachi, MC. *O Futuro dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos: V Ciclo de Debates sobre Estudos Olímpicos e Paraolímpicos*. Florianópolis: Editora Tribo Ilha; 2019. p. 449-479.
- 32 Tonon LMM. O esporte paralímpico como espaço de pertencimento: o enigma de André Brasil. *Olimpianos – Journal of Olympic Studies*. 2018; 2(2): 400-408.